



5350 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

TÁTICAS DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DE JOVENS MÃES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Cintia Nazare Oliveira Pires - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Elisângela Ferreira dos Santos de Mendonça - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

TÁTICAS DE RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DE JOVENS MÃES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

RESUMO: A gestação de uma jovem no espaço escolar ocasiona um certo estranhamento mesmo que invisível. Se torna indispensável produzir ciência a partir dos pressupostos daqueles que produzem os fenômenos sociais em questão, e não daqueles que observam de fora o fenômeno social produzido por outro. Entretanto, a pesquisa busca compreender as estratégias e táticas das jovens mães que engravidaram durante o percurso de escolarização para a permanência do processo de aprendizagem e conhecimento na educação de jovens e adultos em espaço formal situado na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Visto que, muitas unidades escolares não oportunizam espaços acolhedores para as jovens mães e que quanto mais as pessoas são desprovidas de condições social e de recursos, elas criam estratégias de sobrevivência e de convivência com o espaço em que ela está inserida. A pesquisa será qualitativa por se aproximar da realidade, além de aprofundamento de pesquisas bibliográficas, observação e entrevista, tendo como ponto de vista a produção de conhecimento e o olhar para o sujeito e as suas experiências.

PALAVRA CHAVE: Maternidade; Escolarização; Juventude; Inclusão.

Introdução:

É importante pensar como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vira a alternativa possível para as jovens mães, pois a educação não tem nenhuma política de acolhimento. As meninas engravidam e a escola faz de tudo para a jovem sentir que a escola não é mais para ela. Para Davies (2010, p. 231) “as políticas educacionais refletem as desigualdades e contradições”.

A gestação de jovens e adolescentes tem elevado casos de evasão escolar. No entanto, a escola é vista como um não lugar de barrigas, pois a gravidez de uma jovem aluna aponta para certo estranhamento, mesmo que invisível, entre a gestante e a escola. A EJA tem se tornado o lugar dos excluídos. Pois, segundo Andrade,

Nas classes de EJA estão os jovens reais, os jovens para os quais o sistema educacional deu as costas. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação, contribuindo para a busca de respostas a uma realidade cada vez mais aguda e representativa de problemas que perpassam o sistema educacional brasileiro (ANDRADE, 2006, p.70).

A pesquisa tem como tema: Ações ou políticas de acolhimento a jovens adolescentes que engravidam no curso do processo de escolarização matriculadas numa escola estadual situada no município do Rio de Janeiro e que estratégias as jovens mães e respectivas escolas elaboram para dar suporte à maternidade.

Do ponto de vista sociológico, buscamos compreender que sociedade é esta que não oferece outras possibilidades para as jovens se firmarem que não seja através da maternidade. Se a gente não oferece outras possibilidades, essa maternidade não é precoce, ela é no tempo de garantir que a pessoa seja considerada como pessoa na sua comunidade de convivência. É investido na mulher toda a responsabilidade de engravidar ou não, isso é mais uma produção que legitima a submissão da mulher. Tentam responsabilizar cada vez mais as mulheres, que se tornam mãe cada vez mais jovens, pois muitas vezes é a forma que é encontrada para assegurar a sua própria identidade.

A pesquisa tem como questão central: Por que a escola que deveria ser um espaço democrático e laico exclui as jovens mães não as acolhendo em sua diversidade e modos de vida?

Também nos leva a refletir sobre os seguintes questionamentos: Como as jovens mães se tornaram invisíveis perante a sociedade e qual a sua visão em relação a EJA? Quem são as jovens mães da EJA? Em que momento do percurso de vida as jovens mães tiveram interrompidos seu processo de escolarização?

A Educação de Jovens e Adultos é vista de forma compensatória para os excluídos e para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade certa. Arroyo ainda salienta que, [...]os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade. (ARROYO, 2006, p.23).

Segundo Melluci (2004 e 2001), os jovens são como a ponta de um iceberg que, se compreendida, pode explicar as linhas de força que alicerçarão as sociedades no futuro. É preciso dar vez e voz aos jovens, respeitando suas peculiaridades e seu contexto social. Pois, Carrano (2007, p.03) alerta que “muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país com os jovens alunos têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos”.

Dayrell e Barbosa (2009) em suas pesquisas salienta que “os jovens demonstram respeitar e aceitar muito mais os professores que discutiam sobre a vida além dos muros da instituição do que os educadores que, segundo eles, ‘só dão matéria’” (p.243).

Objetivo geral:

Se torna importante verificar a eficácia possível de se fazer justiça social na oferta do direito à educação, mas respondendo as especificidades de cada indivíduo inserido na EJA, segundo as suas necessidades e possibilidades de vida. Conhecer as ações, políticas, atividades que dão suporte a jovens mães estudantes do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e suas táticas de permanência.

Objetivos específicos:

Conhecer espaços de escolarização de EJA em que haja ações de suporte à permanência de jovens mães;

Refletir sobre o papel social da maternidade na adolescência e a pluralidade dos modos de ser jovem;

Destacar projetos voltado para jovens mães inseridas no ensino médio e na modalidade EJA.

Métodos:

Atualmente a práxis pedagógica busca entender os desafios docentes e das escolas que ainda precisam abandonar suas práticas excludentes e compreender que é importante o acesso ao sistema educacional como também a permanência nele, sendo direito de todos e que, portanto, a escola é espaço de aprendizagem para todos. Portanto, a educação tem um grande desafio, segundo Mantoan (2006):

[...] estamos ressignificando o papel da escola com professores, pais, comunidades interessadas e instalando, no seu cotidiano, formas mais solidárias e plurais de convivência. É a escola que tem que mudar, e não os alunos, para terem direito a ela! Direito à educação é indisponível e, por ser um direito natural, não faço acordos quando me proponho a lutar por uma escola para todos, sem discriminações, sem ensino à parte para os mais e para os menos privilegiados. Meu objetivo é que as escolas sejam instituições abertas incondicionalmente a todos os alunos e, portanto, inclusivas. (p. 8)

A pesquisa de campo está sendo realizada em duas escolas situadas no município do Rio de Janeiro, uma estadual que atende jovens matriculados no ensino médio e outra que atende jovens mães que evadiram devido a maternidade e estão matriculadas na educação de jovens e adultos.

Utilizaremos como ferramenta de estudo observação e entrevista com profissionais e os jovens que transitam nos espaços valorizando as criações cotidianas e mostrando essas táticas como as lógicas das operações cotidianas, aquilo que sempre será imprevisível, além do suporte teórico de autores como Paulo Carrano, Juarez Dayrell e Alberto Melluci que vêm buscando esclarecer os princípios da educação e a juventude nas suas especificidades e pluralidades.

Demo (1988, p. 23) apreende a pesquisa como “a atividade científica pela qual descobrimos a realidade”, deste modo, o objetivo principal da pesquisa visa construir dados sobre a realidade e dar sentido ao mundo.

Podemos perceber que o sujeito inserido na EJA tem uma missão prioritária na vida que é produzir a existência e essa produção se faz pelo trabalho, qualquer que seja de intervenção no mundo. É preciso pensar no que une a oferta de vaga e a concepção de educação para uma determinada população. Como ressalta Santos,

“como qualquer conhecimento especializado e institucionalizado, a ciência tem o poder de definir situações que ultrapassam o conhecimento que delas detém. É por isso que a ciência pode impor, como ausência de preconceito, o preconceito de pretender não ter preconceitos” (2000, p. 107).

Nesta perspectiva, Arroyo (2005, p. 21) contribui afirmando que:

A visão reducionista com que, por décadas, foram olhando os alunos de EJA - trajetórias escolares truncadas, incompletas - precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos da vida. As políticas de educação terão de se aproximar do novo equacionamento que se pretende para as políticas da juventude. A finalidade não poderá suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida. Garantir direitos dos sujeitos que os vivenciam.

Dialogando com Alves (2010), os conhecimentos vão além dos muros escolares e os espaços são diferenciados e complexos, porém articulados entre si, capaz de promover aprendizagem ensino que produz conhecimentos e significações nos cotidianos vividos,

dessa maneira, a existência de múltiplas redes educativas, que em contextos diferenciados vão nos proporcionando complexas compreensões do mundo, dos seres humanos e das ações a serem desenvolvidas (...) precisam ser compreendidas em suas particularidades, ao mesmo tempo que devem ser vistas nas múltiplas relações que estabelecem umas com as outras (ALVES, 2010, p.54).

Para Carrano (2011, p.44), é necessário “contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos com heranças familiares ou institucionais”.

“A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los” (TOZONI-REIS, 2010, p.5). Ela oferece flexibilidade, aceita diferentes pontos de vista, valoriza a cultura e o envolvimento dos sujeitos na busca de dados descritivos, procurando entender a realidade de um fenômeno a partir da perspectiva do outro.

Referência Bibliográfica:

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In Alves, N. e Oliveira, I.B. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. 66 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010, v. 1: 49- 66.

ANDRADE, E.R. Pesquisando os jovens brasileiros: os desafios da educação. In: UNESCO. Alfabetização e cidadania: revista de educação de jovens e adultos. - Brasília: RAAAB, UNESCO, Governo Japonês, 2006.

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria

Amélia; GOMES, Nilma Lino. Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. In: Revista REVEJA (UFMG), online, 2007. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juven_tude_-_carrano.pdf

_____. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In: Revista Educação. Santa Maria: jan./abr.2011,v.36,p.43-56.

DANYLUK, Ocsana Sônia (Org.). Educação de adultos. Porto Alegre, RS: Sulina, 2001.

DAYRELL, Juarez; BARBOSA, Daniele. “Turma ou panelinha?": a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. In. SOARES, Leôncio; SILVA, Isabel de Oliveira (org.). Sujeitos da educação e processos de sociabilidade: os sentidos da experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DAVIES, N. O financiamento da Educação estatal no Brasil: desafios para sua publicização. In: R. Educ. Cuiabá, v. 19, n. 40, p. 229-245, maio/ago. 2010.

DEMO, Pedro. Ciência, ideologia e poder: uma sátira às ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1988.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: Inclusão escolar: pontos e contrapontos. Valéria Morin Arantes (Org.), 2ª Ed. São Paulo: Summus, 2006.

MELUCCI, A. O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.

_____. A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Canoas, RS: Pallotti, 2006.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A pesquisa e a produção de conhecimentos. Unesp.2013. 38 pp. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em: 14 de julho de 2018.